



A rainha Maria de Inglaterra condecorando os marinhaes internados no hospital Haslow

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 207

Braga, 16 de Junho de 1917

Anno IV

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

FLP D SOUTO 134—BRAGA

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1883

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.^a

ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de Junho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 207—Anno IV



A venda da Flôr em Guimarães (Distinctivo Amarello)

Da esquerda para a direita.—D. Maria Victoria Bourbon, D. Alcina Machado, D. Maria Victoria Daun X
e Lorena, Presidente da Festa da Flôr e D. Maria Santhiago.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A Torre de . . .



meu amigo Z . . . , que é um bello espirito e um grande coração, fez erguer na lomba fragueira d'uma escarpa, uma pequena torre senhorial.

Cançado das cidades, farto da turbulencia desvairada da epocha, cheio de nojo dos homens e das coisas, ergueu alli o refugio da sua alma e, quando o tedio amarga, o desalento morde mais cruel, o meu amigo Z . . . some-se n'aquellas quatro paredes, esquece-se n'aquelle scenario do passado e vive — esquecido e esquecendo — do reflexo consolador d'uma vida longinqua.

E' uma pousada de calma e de convalescença para o espirito, um sanatorio d'almas, aquella velha torre infançona, com o seu portuguesissimo archi-rufo de telha mourisca, a sua janella sonhadora e medieva rasgada no angulo nobre e bipartido, á antiga, pela gemina gracil, as misulas discretas, o seu velho e fiel relógio de sol, a varanda alpendrada, debruçando-se d'um rodapé d'azulejo para a paysagem adormecida.

Altiva, n'um sonho épico de cavallaria e de lenda, domina o pequeno valle, todo semeado de logarejos e d'ermidas, subindo em degraus de verdura até á massa negra e recolhida dos pinhaes. N'aquella casa tudo accena á phantasia, tudo falla ao coração, e a alma vive, n'uma poalha leve de lembranças e visões que bailam consoladoras nas sombras d'esse recolhido logar, onde cada pedra é a imagem do passado, cada canto uma recordação, cada ingenua e romantica gelosia, um cochichar discreto de saudades.

O meu amigo e, até n'isso, foi artista e foi feliz. Se tivesse cedido ao correntio e vulgar mau gosto, de construir um d'esses horriveis gaiolões-chalets que são um insulto e um anachronismo na ingenuidade primitiva do nossa paysagem, esses pavorosos casinhotos listrados, que perturbam a unidade e a côr dos horisontes, com o sanguineo irritante dos seus telhados marselezes e alteram a physionomia romantica dos valles e outeiros não teria realizado o seu desejo, não attingiria o seu fim. Queria um logar de sonho para esquecer, queria a imagem d'outra vida para refazer a sua vida e por mais que embrincasse, com quadros e *bibelots*, o arrebicado gaiolão, por mais phantasia nos moveis ou na severa geometria dos jardins, essa casa, teria fatalmente a sua vida, espelharia o seu tedio, repercutiria fiel o echo amargo das suas desillusões.

Mas colhendo aqui e além, no mysterio das ruinas uma lage, um parapeito, uma cornija, reunindo, n'uma amorosa paciencia de benedictino illuminista, aquellas velhas pedras, jungindo-as e argamassando-as, na constituição fiel d'um genero, d'uma epocha, d'uma historia, resuscitou-lhes a sua vida, devolveu-lhes o esplendor, a tradição, o romance, avivou-lhes as saudades e alli vivendo ha-de por força honrar essa herança consoladora, ha-de viver de todo esse sonho, que cochicha no echo, de todas essas recordações que bailam nas sombras, de toda essa vida afinal enternecedora e longinqua, onde a alma desalentada vae procurar o retempero enternecido das suas horas desinquieta.

Aquella velha torre dona e senhora da paysagem que domina, altiva e senhoral, como um fragueiro castellão medievo, tem lendas e tem historia nas sombras embuçadas que vagueiam nos cantos, romances commovidos, restos d'aventuras goliardas e o seu echo repercute, na sua voz enfraquecida de velho, o tinir galante das velhas toledanas — gemidos estertorizados de cytolão, coitas de castellã travessa, notas perdidas de toadas e rimances. No terreiro cercado ha ainda o perdido som do escarvar dos potros pisoteando alegres no arremesso das fossadas, notas longinquas de trompas, o turbulento vozear das rixas e cavalgadas. Na gelosia romantica que olha o canteiro florido a alma vê sempre debruçada n'uma endeixa, a figurinha allada d'uma castellã morrendo d'amor por aquelle embuçado cavalleiro que de feltro emplumado e negra capa, mão firme no punho da espada, goliardo e gentil, lhe segreda madrigaes.

Tudo, tudo, alli falla do passado, repetindo commovido scenas longinquas, recordações perdidas, porque o meu amigo não esqueceu um detalhe, não desperdiçou um pormenor e desde a cantaria ao mobiliario, desde o fogão angular ao oratorio medievo, desde as côres aos livros referidos aquella torre constitue a mais feliz e requintada reconstituição d'uma epocha.

Só o seu espirito d'artista, seria capaz d'aquella pequena maravilha de pedra, do equilibrio d'aquellas linhas severas, das serenas e harmoniosas proporções d'aquelle conjuncto, da intuição scenographica com que a soube dispôr. Só o seu coração realizaria aquella obra religiosa e boa, d'erguer no meio dos desvarios e das loucuras d'uma quadra incredula e destruidora, aquelle refugio d'encanto, aquelle scenario espiritual, aquella consoladora torre do esquecimento.

E' por isso que eu n'essa tarde que jámais esquecerei debruçado n'aquella velha janella de gemina, á hora religiosa do crepusculo, na serenidade da paysagem recolhida que adormece, ajoelhei a alma para bemdizer as horas de delicia, de tranquillidade e suave indiferença, que o seu espirito d'artista, enfermo do mesmo mal, roido do mesmo desalento, me fizera passar na sua velha Torre.

Já lhe devo um dia feliz! . . . Bemdita seja! . . . Bemdita seja! . . .

A VENDA DA FLOR EM GUIMARÃES



Distintivo Beije

D. Noemia Negueira Abreu, D. Maria do Nascimento Gonçalves, D. Resurreição Gonçalves, D. Maria Ignez M. Fernandes ✕ Presidente do distintivo Beije, D. Roína Ribeiro e D. Rosa Mendes d'Oliveira.



Distintivo Rosa

D. Maria Amelia Costa Ferreira, D. Maria do Céu Teixeira, D. Adelaide Baptista e D. Beatriz dos Santos Monteiro.



Distintivo Amarelo

Da esquerda para a direita: — D. Maria José Ferrão, D. Maria Martins Minotes, D. Maria de Lourdes Azenha, D. Maria Joanna Bourbon ✕ Presidente e D. Julia Viamonte.



Distintivo Branco

D. Maria Gloria Rocha dos Santos, D. Laura Costa ✕ Presidente e D. Emma Fernandes.



A Ex.^{ma} Snr.^a
D. Julia Jordão, acom-
panhada dos
Snrs. Antonio
Jordão e Antonio
Campos.

Fot. S. Souto

Distinctivo roxo

D. Maria do Céu Maltos Chaves ×
Presidente, D. Augusta Freitas
Costa, D. Engracia Cabral
e D. Maria Conceição Flores,

Distinctivo Vermelho

Da esquerda para a direita: - D. Rita
Machado × 1 residente
e D. Mara de Lourdes Gonçalves,
acompanhadas de um grupo
de condecorados.

O mesmo distinctivo

D. Maria Arminda Amaral.



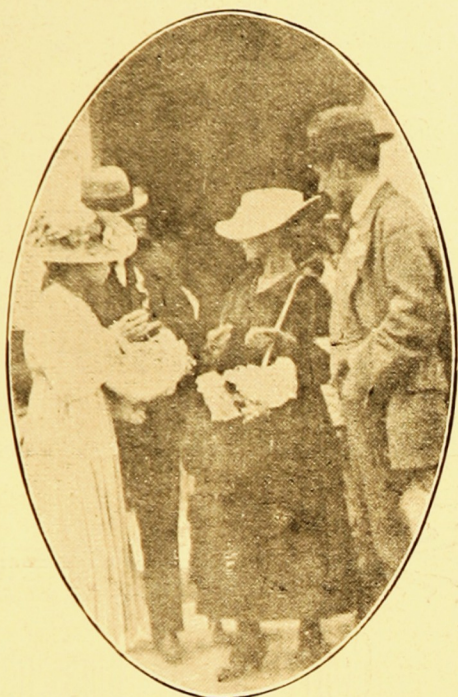
VENDA

DA

FLÔR EM LAMEGO



A Snr.ª D. Georgina Leitão e Souza vendendo uma flôr a um serrano.



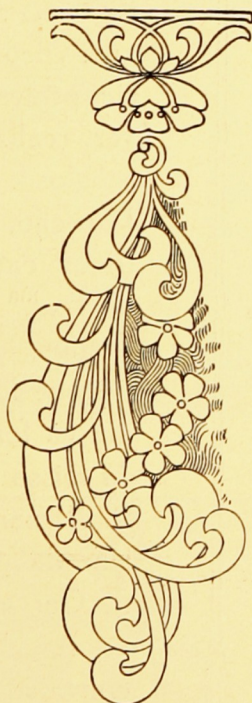
A Snr.ª D. Luiza Machado e D. Maria Ideltrudes Quintella vendendo flôres



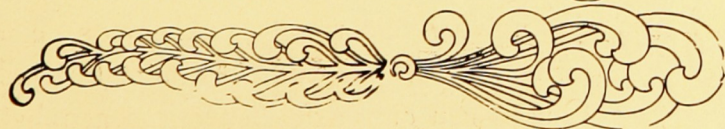
O sr. Eugenio de Vaz comprando uma flôr



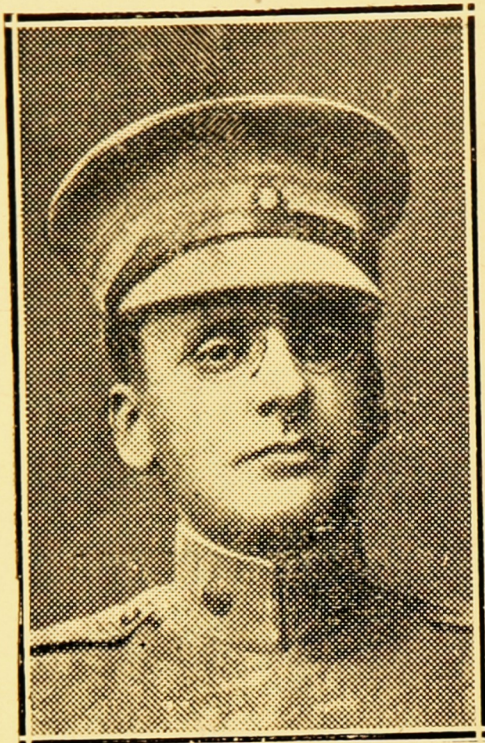
A Snr.ª D. Adelaide Ilharco vendendo flôres



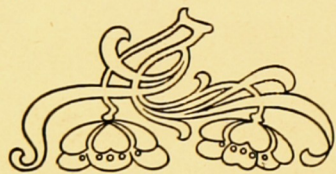
A Snr.ª D. Delfina Almeida e Silva vendendo uma flôr a um carteiro



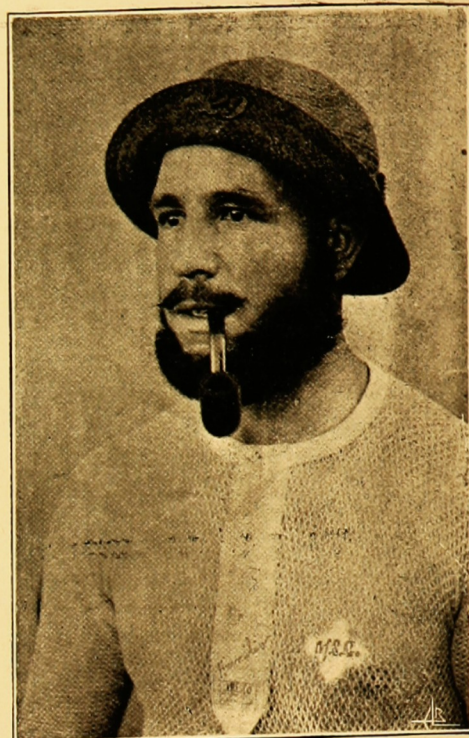
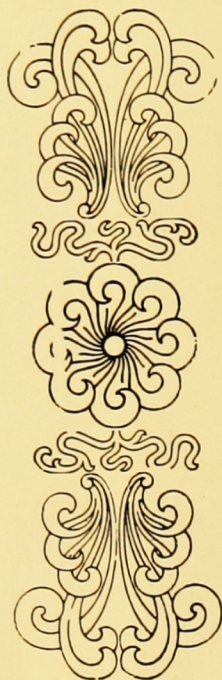
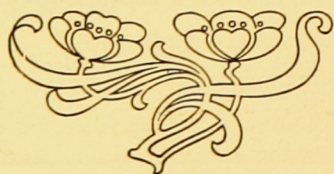
(Phct. Amadora)



Capellães militares portuguezes
O Rev. Padre Lacerda,
illustre jornalista e redactor do «Mensageiro»
de Leiria, que se encontra em França



Julio Carlos Leiria e D. Luiza Gabriella de Macedo



Aurelio Couto, 1.º cabo de infantaria 29,
que se encontra em Moçambique

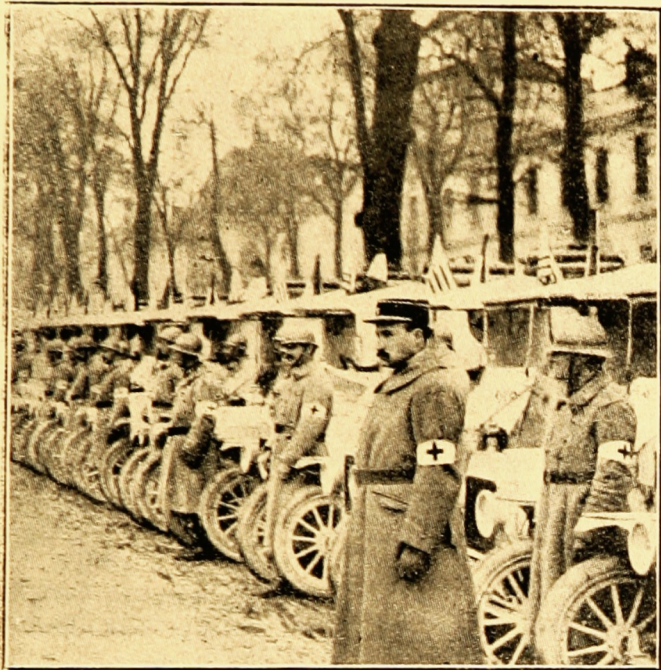


Conversão de uma protestante

No passado dia 31 de maio, em que era celebrada a conclusão do Mez de Maria, foi recebida no seio da Igreja Catholica, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza Gabriella de Macedo, que, depois de feita a abjuração da heresia protestante, commungou pela primeira vez, realizando em seguida o seu casamento religioso. Previamente instruida pelo rev.^o Parocho, P. João Roberto Maciel, nas doutrinas catholicas, foi na capella particular da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Antonia Luz Silva Santos, que estas cerimonias se realizaram. Não se limitaram a isto as festas d'aquelle dia na formosa capellinha, pois houve, além da missa esponsalicia, que celebrou o rev.^o P. Alexandre dos Santos, outra solemne celebrada pelo nosso amigo P. Antonio José de Carvalho.

As donas da casa fizeram servir aos convidados um sumptuoso jantar em honra dos noivos, cujo retrato publicamos, e que foram então, por todos, muito festejados. Que o ceu cubra de benções a neophyta e seu consorte.

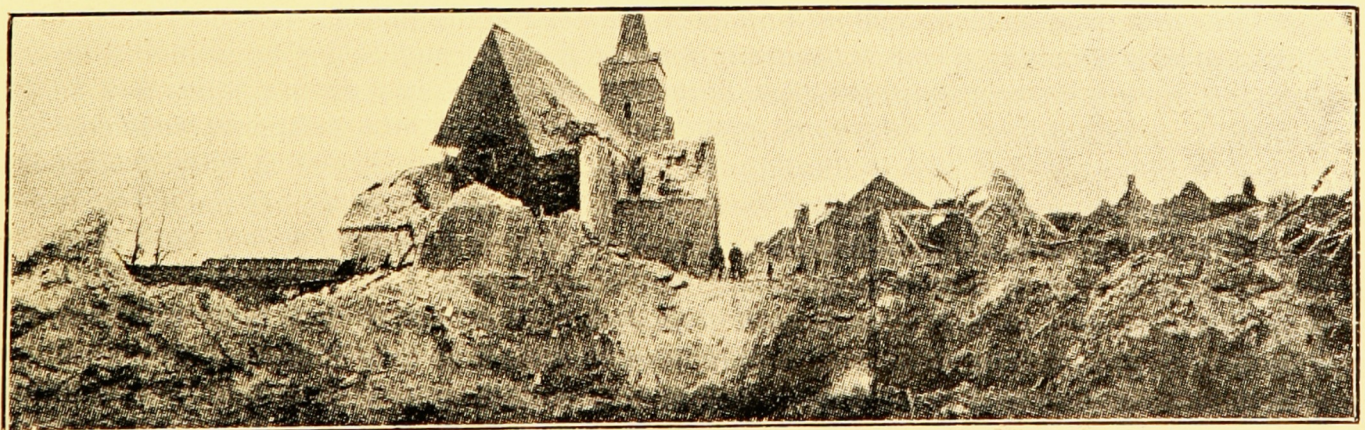
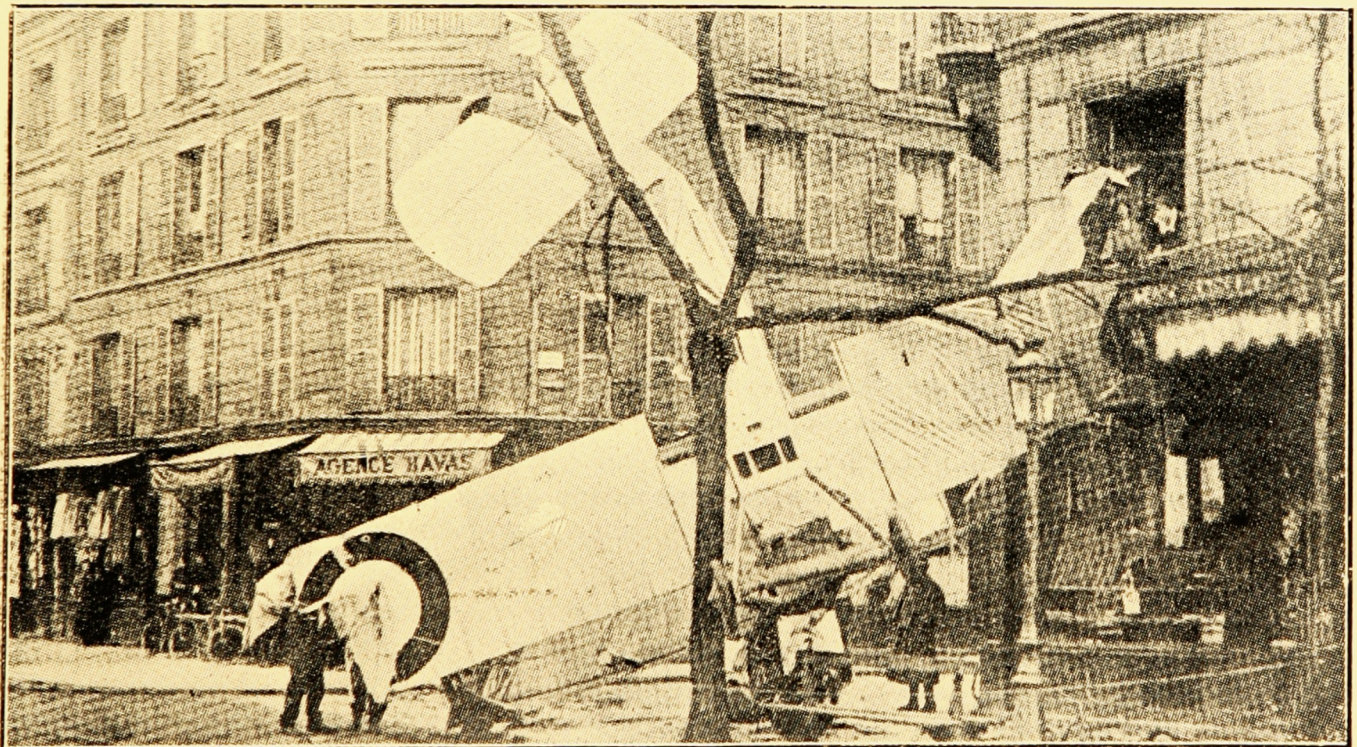
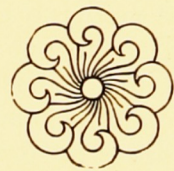
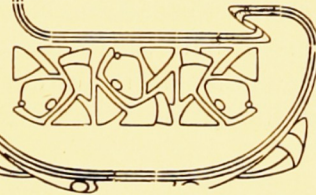
Guerra Europeia



1—Quarenta ambulancias que a America do Norte cedeu á França para prestarem serviço nos campos da Servia.

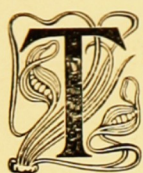
2—Um aeroplano cahido n'uma rua de Paris.

3—A enorme cratera aberta por uma mina n'uma povoação abandonada pelos allemães.



CHRONICA DA SEMANA

Teixeira de Sousa



TEIXEIRA de Sousa acaba de morrer num quarto do Francfort—elle, o proprietario de boas casas transmontanas. A noticia foi communicada de noite, alta noite aos jornaes pelo telephone, e os jornaes, uns já generam as suas endei-xas de servos do rijo politico, outros já prestaram sobre a sua individualidade um depoimento justo, justo apenas. Os povos de Sanfins (os peores do mundo, diz-me alli o meu querido vizinho, relatando as rixas entre elles e os de Favaio) foram receber o despojo do seu chefe reconhecido e poderoso e aqui no Porto, além de alguns partidarios de memoria, e coração menos ingratos, acompanhava o caixão, sustendo nas mãos enludadas o chapéu embicado e o espadim de par do reino do morto o sr. Mello Barrêto que da direcção das *Novidades*, órgão do partido regenerador, transitou para a republica com o *sobriquet* de democratico—a vida vae para os audazes. O sr. Mello Barrêto ahí no funeral era um symbolo. Creio que nada poderia figurar melhor o antigo e moderno em fraterno abraço, no funeral de Teixeira de Sousa, do que o sr. Mello Barrêto que demais a mais bem sabe como se representa visto escrever para o Theatro. Como ministro plenipotenciario do chefe transmontano na republica, como obra da sua olaria, e naquelas funcções, o sr. Mello Barrêto cumpriu o seu dever, cumprindo um dever de gratidão.

Porque afinal só os parvos é que negam as optimas relações do sr. Teixeira de Sousa com o homem que consubstancia esta republica, o sr. Affonso Costa. Protegeu-o uma vez em Sanfins do populacho e o anno passado nas pedras ou no Vidago fóra já muito notado o largo amplexo amigo entre os dois, logo depois mettidos n'uma conferencia que durou trez horas. Eu vi Teixeira de Sousa na véspera de morrer, em S. Bento, sempre truculento e espadado homem de arrombar tudo de roldão quando decidiu ir para deante, chegar á meta. É o mesmo cathegorisado amigo que m'o mostrára, informou-me depois que era certo que Teixeira de Sousa ia ingressar na politica actual, n'um ministerio já cosinhado pelo menos na cabeça do chefe democratico. O temperamento enlaçava os a ambos e como o sr. Malva do Valle diz que a Republica corre risco de cahir por estar ha sete annos n'um pé só e esta posição sêr fatigante mesmo para o mais dextro dos acrobatas, mesmo para um mortal de largas plantas, é provavel que o rotativismo se realisasse afinal entre os dois alcatruzes d'um sistema a experimentar ainda n'este gastadissimo laboratorio vêrde-Rubro...

Com isto não quero deprimir em nada a memoria do ullimo presidente de conselho da monarchia. Estou convencidissimo de que embora não fosse o *traidor*, elle não amava corajosamente as instituições que serviu, e n'estas condições o *caminho é para a frente*, porque o futuro é largo. Teixeira de Sousa foi o mais acabado typo dos politicos da decadencia monarchica. N'outro paiz, na Allemanha ou na Inglaterra, elle seria um competente membro d'um conselho technico financeiro (porque Teixeira de Sousa era bom administrador). Em Portugal onde toda a gente sabe de tudo, Teixeira de Sousa deu um politico, um estadista omnisciente e omnipotente!

O *Diario Nacional*, notava no seu artigo que Teixeira de Sousa, não teve nos trez ou quatro grossos volumes que em propria defensão escreveu, uma palavra de justiça para a monarchia e para o rei. Mas que nos espantará isto, se Teixeira de Sousa foi apenas o médico da montanha que subiu a presidente do conselho e a chefe de partido por força de uma ambição que só a syncope cariaca podia fulminar na sua idade? O seu criterio resumia-se n'uma só palavra: *dominar*. Era em politica um opportunistta tendo por arma o expediente. Nada mais. Quando impunha ao jury da sua comarca a sua vontade, quando abria a vida do seu primeiro ministerio por uma campanha anticlerical que *não sentia*, Franco teve fanáticos, Teixeira de Sousa teve clientes e servos, prêsos pela férrea golilha do interesse ao seu carro triumphal de vencedor.

...Contou o sr. dr. Mendes Correia, distintissimo clinico portuense chamado a prestar socorro a Teixeira de Sousa, que a esposa deste a certa altura com um desespero que só a dôr acorda e desalinha, murmurava abraçada ao cadaver do marido amado:

—Foram os politicos que m'õ mataram!..

Estas palavras, este grito d'uma alma que melhor do que alguma outra conhecia a de Teixeira de Sousa, soltado por uma mulher que nobremente, varonilmente nas horas da revolta, ha sete annos, ao ministerio titubeante perguntava qual o posto onde o dever e a honra mandavam estar seu marido,—essas palavras, aquelle grito d'alma tem um não sei quê de luminoso que se projecta sobre a face do politico que morreu sobre os recessos do sua psychologia.

Eu não queria para mim toda a lenta expiração de José de Alpoim desde a proclamação da republica. Eu não queria para mim as responsabilidades da conducta de Teixeira de Sousa apoz a quêda da realeza!

Foram os politicos, foram os politicos que m'õ mataram!

... E repare o leitor: a morte que levou Alpoim, que levou Raposo Botelho e Marnoco e Sousa, os homens que tinham a seu supremo cargo a defeza militar da realeza, acaba de arrebatat Teixeira de Sousa, presidente do governo de cujas mãos cahiu para o chão das ruas revolucionadas, uma corôa real de 8 seculos...

Ha designios insondaveis!

F. V.

Uma Pagina d'Arte

Para o Japão...

Minha doce *Flôr de Chá*

VOU adormecêr, tranquillamente, sobre a ultima aguarela de Li-Tong. Que lindo faisão de Nangasaki! Mas as brilhantes folhagens onde elle poisa, e as florinhas miúdas, que parecem pedras preciosas, serão camelias, pelargonios, rhododendrons, alguma planta desconhecida e sagrada?

Beijo-te as mãos. Que o céu de Kioto seja muito azul para ti e que não conheças senão as manhãs douradas e as illusões côr de rosa!

Sabes? Não me posso resignar á decisão de Li-Tong. Acaso os Deuses não o têm bafejado com a mais feliz boa-sorte? A melhor baixella de Wutz-Hito foi pintada graciosamente porelle, com os famosos pinceis de rato branco. No templo de Shiba — tu o disseste — ha um moscardo, que parece tão vivo, que já um velho *samurai* se prostrou deante d'elle. E esse moscardo foi presente de Li-Tong.

Mas até na livre America, na galeria do *Rei do Ouro* e na collecção do *Rei das Joias* se encontram guardadas, em cofres de laccá e em molduras de *vermeil*, as mais ternas e commovidas *manchas* de Li-Tong...

O govêrno do mikado fêz inconscientemente um grande mal. Decretou para as creanças das escholâs as pennas de Birmingham — e com essa lei tão inoffensiva e tão simples ha de acabar, duma vêz para sempre, a longa dymnastia dos pintôres nacionaes.

A arte vae passar por um transe afflictivo — sómente porque um barão japonêz educado em *Eton College*, doutôr em leis e sciencias politicas pela Universidade de Oxford, se lembrou de substituir o *Kimono* de sêda por um fato de lã, e os pinceis gloriosos pelas feias pennas d'aço. E' ainda a Grã-Bretanha a dar lições e a emprestar figurinos ao Imperio do Sol Nascente... Mas, cuidado!

Em cada *gentleman*, impeccavel e frio, bello e robusto como uma estatua grega, ha uma fera escondida. Aquelle leopardo rompante, de guêla vermelha, que symbolisa o Reino Unido...

Lastimo profundamente a decisão de Li-Tong.

Por acaso os deuses familiares não o escolheram a elle, para levantar nas suas mãos de cêra os pergaminhos de Hokusai?

Não abençoavam santamente a sua casta união? Li-Tong tem uma filha. E desde Kiú-Siú á Tartária, não ha nem pode havêr mais radiosa mocidade que a della — senão a tua.

Os seus discipulos vão debandar. O seu *estudo* ficará deserto. Os faisões de Yedo nunca mais sahirão para o jardim, nem as rôlas hão-de cantar sob as amendoeiras viúvas. Este pensamento entristece-me.

Vou adormecêr, tranquillamente, com a ultima aguarela de Li-Tong...

Perdi a vontade de dizêr-te o que se passa na Europa — a *carcassa Europa*!

Demais todos os dias, em Kioto, no teu diario de papel de arrôz a diabolica telegraphia sem fios inscreve, cuidadosamente, as novidades. *Continúa a guerra*. E' sempre a derradeira e a velha novidade!

As parisienses adoptaram este inverno o *dolman* dos *hussards* austriacos. E passeiavam no *Bois* como se fôsse no *Prater*! Uma felice!

... Ah! mas eu não posso dormir com este pensamento. Daqui a cem annos o que será feito dos vasos, dos leques, das estatuêtas, dos anneis, dos sabres, das porcelanas, das gravúras do Sol-Nascente?

A arte vae passar por um transe afflictivo — simplesmente porque um barão japonêz, educado em *Eton College*, doutôr em leis e sciencias politicas pela Universidade de Oxford, se lembrou de substituir o *kimono* de sêda por um fato de lã e os pinceis gloriosos pelas pennas de Birmingham...

Cuidado! Em cada *gentleman*, impeccavel e frio, bello e robusto como uma estatua grêga, ha uma fera escondida. Aquelle leopardo rompante, de guêla vermelha, que symbolisa a Grã-Bretanha...

Adeus, minha doce *Flor de Chá*. Que o céu de Kioto seja muito azul para ti e que não conheças senão as manhãs doiradas.

Beijo-te as mãos côr de opala. Beijo-te os olhos, côr de iris. Vou adormecêr...

MANUEL SEMBLANO.

Ideias estéticas e morais nos clássicos portugueses

. . . *Dulchre, bene, recte:
Pallescet super his . . .*

HORATII, *Ad Pisones.*

QUANDO em horas repousadas e calmas, por necessidade de crear ao espírito um ambiente estético e suave de carinho, nos queremos embrenhar na leitura e, como deve fazer em identicos casos todo o homem sensato, preferimos abrir a catadupa ingente do classicismo, só podemos ter o embaraço da escolha.

Tem a nossa lingua, flebil como o trinar da guitarra portugueza, possante como o rugir dos mares, ou graciosa e bela como um florido verge ameno, monumentos literários de grã valia. Qual épico se avantajou ainda ao nosso Camões na poesia neo-latina, se abstramos do Dante, tão divino na forma como no assunto que se propôs? Que bucólico ha mais dôce que o nosso Bernardim, se sem o egualar, muitos o imitam? E nos singelos campos da prosa, se grandemente distintos ha em extranhas terras, pode acaso lingua que não é nossa ter, para deleite, a majestade de um Vieira, a graciosidade aristocrática de um Luís de Sousa ou a inimitavel candura de um Bernardes? Não será sempre nova e sempre bela aos ouvidos portuguezes a linguagem burilada de um Rodrigues Lobo, dos cronistas e dos arcades?

Sendo tudo isto certo, causa pena ver que a leitura dos nossos clássicos não é tão freqüente como ser pudera, ao passo que a frivolidade contemporânea se compraz na leitura de extranhos escritores; e, vindo, como é natural, a imitá-los, pouco a pouco se estraga e corrompe o gracioso meneio da nossa linguagem.

E' assim que os modernos escritores, os que para o público escrevemos, neste vertiginoso século do motor elétrico, não podemos, é certo, cumprir o preceito horaciano de guardar nove annos na arca o que fazemos, limando e aperfeiçoando a nossa obra. Mas poucos entre nós temos aquêl amor que merece nossa lingua, e a corrompemos infelizmente com o desleixo que votâmos geralmente ás suas regras e preceitos. E por que tudo isto? Uma é a explicação, o desprezo da clássica literatura, quando a ela deviamos aplicar o que diz o latino:

...vos exemplaria...

nocturnâ versate manu, versate diurnâ.

Por dois modos podemos entender a beleza estética da literatura clássica, e ambos nos encantam: Pela forma, e ela é elegante e formosa entre as mais belas; tem algo do timbre varonil e do canto feminino, majestade e graça, vida e coração: Pelo assunto, e ha entre os nossos melhores escritores quem escrevesse em dulcíssimo portuguez livros, ou capítulos nêles, que não só para recreio, mas tambem para aproveitança da alma podem ser apontados. E até não faltou quem nos tempos idos trasladasse ao nosso vernáculo, alguma coisa do que noutros paises se escreveu para formação ascética, e êsses livros notáveis pela sua ideia moral o são egualmente pela beleza da linguagem.

Muito para louvado seria, pois, que fossem louvados quanto o merecem lusos clássicos, e se substituíssem nas mãos de pessoas piedosas os livros perversores da lingua, ou modelarmente estrangeiros, por alguns dos nossos, que os ha excelentes para o intento da formação moral. E deixando áparte o illustre Bernardes, o distinto Heitor Pinto, o dolorido Tomé de Jesus, e citando tão somente quem, por vários motivos, tem a primazia, conquanto não seja a moral o carácter próprio de sua obra, baste apontar nos livros de Fr. Luís de Sousa, tanto na *Vida do Arcebispo* como na *Crônica de S. Domingos* manancial ubérrimo para o estudo do portuguez, não menos do que para o cultivo das ideias morais e da perfeição cristã, cujos exemplos, em estilo inimitável, o autor nos patenteia.

J. RIBEIRO COELHO.

A loira castellã

(A' minha illustre prima Dona M. G. de Mello Portugal)

Palida e triste, muito triste e grave,
Eu vejo-a pensativa, a cada passo,
Contemplando, enlevada, o etéreo espaço,
Com seu morbido olhar, limpo e suave.

E arfando, a bêla, como a innocente ave
Que ficou presa por traiçoeiro laço,
Cruza as mãos de setim sobre o regaço,
E o que ella sente e pensa ninguem sabe!...

Mas, pelo niveo rosto meigo e lindo,
Lagrimas, lentamente, vão cahindo,
Como gotas de orvalho sobre a flôr...

E no olhar que ella volve ao Firmamento,
Parece a Deus pedir, n'esse momento,
Que a leve, ou lhe mitigue a sua dôr...

(Inédito). 1916.

Antonio Vaz Pinto.

Cavalleiro

(Ao Excellentissimo Snr. João Ferreira)

Adentro d'uma ermida fui armado
Cavalleiro de Christo e Traz-os-Montes,
Provincia cujas veias são mil rios,
Provincia cujos olhos são mil fontes.

Na cruz da minha espada de valente,
Jurei manter com toda a intrepidez,
Velhos louros que os meus avós legaram,
Para honra do brio portuguez.

Anceio ser um sol na terra-mãe,
Prepara-te ginete p'ra abalada,
Cavalleiro heroe buscando Fama,
Busca tambem a fronte engrinaldada...

Do livro
'Cantos Lusiadas'

Adriano Coimbra.

A VOZ DO MAR

— 'A mim, Filhos do Mar! Que ninguem fique
N'essa Serra esquecida na Desgraça,
Onde, se inda ri Deus—é pela graça
D'aquellas chagas mysticas de Ourique!'

E em luz, trajando espuma, eil-o se abraça
A' Praia, a rebramar:— 'Que ninguem fique!
Se quem rasgou meu seio foi Henrique,
Seja meu sangue a quem de sua Raça...'

E a Terra quêda, quêda!...— 'Ha quem se afoite?
Ferem-me estranhas naus—quadrilha enorme!
... E o Mar de Luz quizera a antiga Noite,

Para guiar uma outra vez á Gloria
A morta Nau, que, com a morta Historia,
Gélidamente, eternamente, dorme.

(Dos "Esquecidos,")

Teixeira Pinto.

UM BORDADO

Levo dias a bordar
Um bordado bem bonto.
E' um trabalho bemdicto
Que eu faço sempre a cantar.

O ponto será vulgar...
Mas não importa... Repito:
E' um bordado exquisito
E de um gosto singular...

Que lindo! Ouvi: Minha mãe
Diz-me, ás vezes com carinho:
Filha, borda-me isto bem...

E passa-me para as mãos,
Todo roto e em desalinho,
O fato de meus irmãos.

Francisco Sequeira.

Anecdotas históricas

Ditos e pensamentos

Stafford no patíbulo

ARUNDEL, conde de Stafford, marechal hereditario d'Inglaterra, chefe d'um dos ramos da casa de Norfolk, accusado de haver conspirado contra Carlos II, foi condemnado á morte. A caminho do patíbulo, porque fazia um frio de engelar, o marechal pediu o capote, e, cobrindo-se, disse:

—Eu poderei tremer de frio, porem nuno marechal Stafford se verá tremer de susto.

O marechal de Marillac

Accusado de haver conspirado contra o cardeal de Richelieu, o marechal de Marillac—illustre nas guerras da Liga e na campanha de Italia—foi condemnado á morte, e ao subir o patíbulo disse-lhe o cavalleiro du Guet:

—Senhor, quanta magoa tenho de vos ver assim manietado!

—Tende magoa do rei e não de mim.

Responde sereno e altivamente o marechal.

O delator

Quando o general Pichegru entrou em Maestricht com o seu exercito, um mercador denunciou-lhe que muitas casas de famosos aristocratas tinham poucos soldados aboletadas, e insistia na conveniencia de os castigar.

O general disse ao ardente patriota:

—Muito lhe agradeço as informações que me dá. Diga-me, tem muitos soldados em casa?

—Tenho quatro.

—Está bem.

E despediu o delator. Mal, porem, este teve tempo de chegar a casa e a entrarem-lhe quarenta soldados pela porta dentro. O homem voltou, correndo, a queixar-se ao general, que lhe respondeu:

Mandei retirar esses soldados das casas dos aristocratas onde certamente seriam maltratados para os alojar na vossa, que sois um decidido patriota, onde serão tratados como amigos!

A verdade

Antiocho perdeu-se dos seus companheiros de caça e teve de pernoitar em casa d'um modesto lavrador. Ao serão falou-se dos actos do governo e o rei ouviu-as boas e bonitas, pois os seus hospedeiros entre outras cousas disseram que o rei só cuidava de divertimentos e desprezava os interesses da nação.

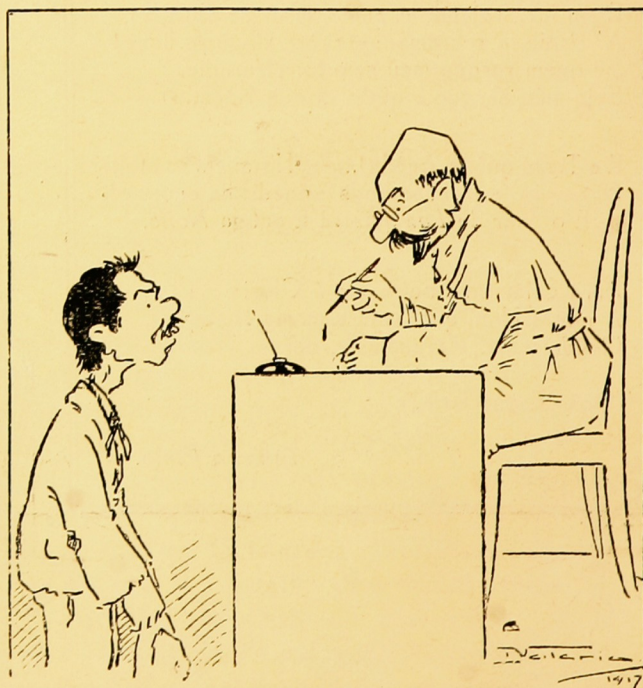
Quando de manhã apareceram os seus companheiros de caça, elle disse-lhes enfadado:

—Vamos lá para a cõrte. São tão infelizes os principes que só hontem achei quem me falasse a verdade.

Pode mais a gallinha

No tempo de el rei D. João III um individuo chamado Marcos Mendes deu umas pancadas n'outro, e sendo perseguido por um alcaide chamado Gallo fugiu para dentro d'uma igreja, onde, pegando-se a um altar de S. Gonçalo, gritou ao alcaide:

—Na casa de Gonçalo mais pode a gallinha que o gallo.



O Juiz:—Por esta vez vae absolvido, mas espero que não o tornarei a vêr aqui,

O reu:—Porquê, sr. juiz? V. Ex.^a tenciona aposentar-se?

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Corporda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor na Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos 'Echos do Minho.', e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA